

RESENHA SOBRE O DOCUMENTÁRIO MÍDIA, PODER E SOCIEDADE

Jaine Araújo da Silva¹

Com a suposta pretensão de ajudar os brasileiros a entenderem melhor o Brasil, o documentário *Mídia, poder e sociedade*, dirigido por Aluizio Oliveira, tem duração de 52 minutos e foi produzido no ano de 2004 pela TV Senado. A obra visa esclarecer e explicar a relação existente entre os três poderes que mudaram bastante nos últimos dois séculos, e, para isso, conta com a participação de diversos jornalistas, pesquisadores e políticos brasileiros.

Logo no início do documentário, é apresentada a história da imprensa brasileira, desde a chegada da Corte Portuguesa. Naquele período, não existiam os jornais-empresa e a razão humana era defendida como instância de decisões dos problemas sociais, recebendo influência do iluminismo. Os poderosos não gostavam de críticas e o que predominava nos jornais era a retórica expressa por meio dos artigos de opinião.

Com o passar do tempo, surge a profissão de jornalista: antes quem ‘fazia jornalismo’ eram literatos, juristas e os próprios políticos e, então, passa a existir a função própria do jornalista. O rádio ganha força porque a maioria da população brasileira não sabia ler, e, então, surgem as concessões (o Estado cede, por meio de licitações, temporariamente, às emissoras os canais de sinal aberto em que são exibidas as programações).

São apresentadas, em outro momento do documentário, críticas sobre o controle, ou melhor, a inexistência de controle sobre as concessões no Brasil. Muitas vezes, não se sabe o porquê de determinada pessoa continuar tendo domínio de uma emissora de rádio ou TV, não há transparência. Além disso, é feita uma crítica sobre os casos de abuso que, também, não são controlados por nenhum órgão.

Em outro ponto da obra, os meios de comunicação são citados como ‘o espaço da política’, de modo que a maioria dos debates apresentados no Congresso Nacional é levado até lá pela própria imprensa. Para os políticos, a mídia tem poder tanto de elegê-los quanto de derrotá-los. Assim, usa-se a frase “eles elegem porque detêm os meios e

¹ Estudante do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: araujojaine7@gmail.com.

detêm os meios porque se elegem”. O que não é de hoje. Na era Vargas, a imprensa já tinha um papel de atuação bastante significativo.

Nessa época, ocorreram diversas mudanças com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Jornais foram fechados, a informação ficou mais restrita. A imprensa nesse período era extremamente partidária, de modo que não se contentava em apenas noticiar os fatos, ela queria ser protagonista da história e, principalmente, da política do país. Anos depois, mesmo diante de todo o conflito gerado pela ditadura, iniciada em 1964, pela censura prévia e pelo AI 5, muitos profissionais do jornalismo fizeram um trabalho de mediação entre poder e sociedade.

A análise histórica gera a seguinte reflexão: estando os jornalistas de hoje em uma situação bem menos difícil do que aquela vivida pelos que exerciam a profissão no período da ditadura, por que os profissionais não conseguem desenvolver um trabalho melhor?

Na última parte do documentário, o pesquisador Salomão Amorim faz uma crítica ferrenha ao modo como a TV é transmitida no Brasil, dizendo que essa ideia de apenas ver e não ‘refletir sobre’ mostra como os brasileiros sofrem de um “certo retardo mental”. Inicia-se aí uma comparação entre o jornal impresso e a TV. Aquele sendo considerado um incentivo à reflexão, que surge no momento da leitura, e esta representando apenas a exibição do factual sem o exercício do pensar.

Outro ponto importante destacado no documentário é a questão do marco de regulação. Seria necessário discutir a TV, entender que ela não precisa ser apenas comercial, que pode fazer parte do sistema privado, estatal e também do público. A própria sociedade pode exercer um controle em relação à preferência e indicação, tentar preservar a identidade nacional. Assim, os meios seriam verdadeiramente utilizados como serviços prestados para a própria sociedade, abordando aspectos culturais, o que ajudaria inclusive na formação de caráter do cidadão brasileiro.

Porém, os governos não dão a importância devida ao rádio, por exemplo, como meio cultural, o veem apenas como meio de propaganda. Um avanço apresentado pelo documentário com relação à regulação foi que as TVs a cabo deveriam apresentar canais gratuitos. Porém, as TVs comunitárias não recebem nenhum tipo de financiamento para produção de conteúdo, o que leva à tendência de apresentar menor qualidade.

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

A partir das problemáticas discutidas em “Mídia, poder e sociedade” podem ser levantadas diversas reflexões sobre os temas tratados. Compreende-se que a mídia e a imprensa de um modo geral não são, nunca foram e dificilmente serão isentas. Sempre recebem influências direta e/ou indiretamente do meio econômico, político e social e essa influência recebida é gerada a partir dos interesses dos grupos dominantes em cada um desses ‘poderes’.

Referências

MÍDIA, PODER E SOCIEDADE. Produção: TV Senado, 2004, 52 min. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/TV/Video.asp?v=88322>. Acessado em março de 2016.